

CURRÍCULO CULTURAL DA GINÁSTICA: UMA PROPOSTA PARA O CICLO II DO ENSINO FUNDAMENTAL

Thiago Felipe Sebben

Escola Municipal CEI Jornalista Cláudio Abramo

Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Curitiba

O paradigma da pós-modernidade, entendido enquanto definição de uma nova era histórica da humanidade, ainda provoca controvérsia no meio acadêmico. Contudo, nesse trabalho entendemos que “pós-modernidade, modernidade líquida, hipermodernidade, modernidade tardia: são várias expressões que procuram definir o atual momento político, econômico, social e cultural” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 608). Independentemente do nome que esse momento histórico assume, é inegável a ocorrência de uma compressão espaço-temporal (CHAUÍ, 2003).

Tal fenômeno foi desencadeado pelo acelerado avanço da tecnologia nas últimas décadas – com especial impacto nos meios de transporte e comunicação - e afetaram consideravelmente o modo de vida atual. “Celulares, computadores, *softwares* e redes virtuais de comunicação influem diretamente na hibridização de hábitos, costumes, formas de se relacionar” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 608), propiciando maior intercâmbio e diversidade cultural.

Na educação, temos a concretização de um movimento de ampliação do acesso à educação – muito por conta de políticas públicas que incentivaram as famílias a manterem seus filhos na escola mediante o pagamento de uma bolsa do governo -, permitindo a chegada de grupos subalternizados à escola (negros, índios, pobres, imigrantes sulamericanos, etc.) e, no aspecto cultural, fazendo com que uma cultura antes ausente comece a se fazer presente no cotidiano escolar. Para dar conta dos desafios impostos por esse contexto de diversidade cultural, “será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados.” (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 157).

Produto dessa problemática, este relato apresenta um conjunto de aulas de Educação Física desenvolvidas no Centro de Educação Integral Cláudio Abramo (CEICA) em Curitiba-PR, no primeiro trimestre de 2017, com 6 turmas do Ciclo II do Ensino Fundamental regular. Referenciado teoricamente no Currículo Cultural da

Educação Física (NEIRA; NUNES, 2009 e NEIRA, 2011), procurou-se elaborar uma prática pedagógica inspirada nos princípios pedagógicos e procedimentos didáticos propostos por essa teoria.

O objetivo geral dessa prática pedagógica era “conhecer, explorar e ampliar as diversas possibilidades de expressar-se corporalmente, por meio da cultura corporal, estabelecendo conexões entre saberes prévios e as manifestações corporais vivenciadas, construindo relações de respeito à diversidade, utilizando criatividade na resolução de problemas e desafios, fruindo, transformando e significando o acervo cultural das práticas corporais” (objetivo dado pelo currículo oficial do município¹).

Nessa prática pedagógica optou-se pela implantação de um Caderno de Narrativas por turma, que circulava entre os estudantes, com o objetivo de eles registrarem um relato descritivo/opinativo sobre as aulas. Aliado à produção de fotos, vídeos e relatos pessoais sobre as aulas, esse procedimento permitiu o registro, análise e interpretação das práticas, o que certamente contribuiu para que as aulas tivessem o andamento que tiveram.

A prática pedagógica teve seu início com o mapeamento² dos conhecimentos que os estudantes possuíam sobre Ginástica. Cada turma foi organizada em equipes, formadas por 4 a 5 estudantes, que deveriam discutir e responder três questões sobre o tema: “O que são Ginásticas para vocês?”, “Quais Ginásticas vocês conhecem?” e “Como conheceram essas Ginásticas?”. Essas questões visavam apontar quais eram as representações iniciais atribuídas pelos estudantes à Ginástica; quais manifestações corporais que julgavam pertencer ao tema circulavam entre eles; e quais fontes de conhecimento acessaram para conhecer as manifestações corporais que declaravam conhecer.

No total 36 equipes (6 em cada turma) responderam esse questionário. Em relação às representações iniciais dos estudantes sobre ginástica, 10 equipes a entendiam como “movimento, exercício”; 8 equipes a entendiam como “alongamento, flexibilidade” e outras 7 equipes relacionavam ginástica com “arte, dança”. Dentre as ginásticas mais conhecidas, 25 equipes declararam conhecer a Ginástica Artística (GA); 21 equipes conheciam a Ginástica Rítmica (GR); 2 equipes conheciam o Parkour (PK) e apenas 1 equipe conhecia a Ginástica Circense. Algumas equipes julgaram que manifestações corporais como o Basquete e o Futebol, por exemplo, também poderiam, de acordo com o entendimento que possuíam sobre o tema nesse início de estudo, ser considerados

1 Articulação da proposta com objetivos educacionais mais amplos.

2 Mapeamento (questionário diagnóstico dos conhecimentos dos estudantes sobre o tema Ginástica).

formas de ginástica. Dentre as fontes de conhecimento citadas pelos estudantes para acessar as ginásticas que declararam conhecer, 25 equipes citaram a TV; 13 equipes citaram internet e Youtube; 10 equipes citaram as Olimpíadas e apenas 6 equipes citaram a escola.

Na aula seguinte, foi feita a socialização das informações mapeadas com o questionário respondido pelas equipes. Organizamos uma tabela na lousa contendo as respostas de cada equipe de cada turma. Tal processo permitiu que fossem discutidas as concepções de ginástica que surgiram em cada turma, de modo a construir um conceito geral sobre o tema; apontou quais ginásticas eram as mais conhecidas pelos estudantes de cada turma, de modo a auxiliar na escolha das manifestações corporais a serem tematizadas; bem como permitiu a reflexão de que a escola, apesar de ser o espaço formalmente legitimado pela sociedade neoliberal para acessar o conhecimento, constituiu-se apenas como mais uma fonte de acesso ao mesmo, relativizando seu papel construído pela metanarrativa moderna enquanto principal fonte de conhecimento humano. Essa informação, de certa forma, contribuiu para o questionamento sobre a função social da escola, reforçando a urgência de reconhecê-la, em tempos de hibridizações e mestiçagens culturais, antes como espaço de circulação, discussão, significação e valorização de discursos veiculados por diferentes fontes de conhecimento, do que como *locus* absoluto de produção de verdades sobre a realidade.

O trabalho seguiu no sentido de tematizar as três ginásticas que mais apareceram no mapeamento³: GA, GR e PK. A exploração de cada manifestação corporal selecionada para essa etapa da prática pedagógica seguiu a seguinte estrutura: pesquisa em grupo da origem e história da ginástica tematizada⁴; exibições de vídeos com fotos, apresentações e reportagens; e a vivência dos movimentos técnicos específicos de cada modalidade.

Na tematização da GA as vivências foram organizadas de acordo com seus aparelhos. Como a escola não possuía os aparelhos oficiais dessa modalidade, as vivências ficaram restritas aos aparelhos que foram possíveis improvisar com materiais alternativos (argolas, trave de equilíbrio e salto sobre o cavalo) ou que prescindiam de aparelhos (solo). Duas argolas de metal amarradas a uma trave de futsal com um colchão embaixo se transformaram nas argolas das Olimpíadas para aquelas crianças, e elas puderam explorá-lo, se pendurando, balançando e ficando de ponta cabeça no aparelho.

3 Tematização das manifestações corporais dos grupos de pertencimento dos estudantes (seleção dos temas de estudo a partir das manifestações corporais conhecidas pelos estudantes).

4 Ancoragem social dos conhecimentos (estudo de aspectos históricos, sociais e políticos dos temas).

As linhas pintadas na quadra e delimitadas por pequenos cones se transformaram em várias traves de equilíbrio, permitindo que as crianças explorassem o aparelho com elementos que haviam aprendido na vivência do solo (salto tesoura, salto estendido, salto grupado, estrela, rodante, deslocamentos de equilíbrio, etc.). Um plinto com uma linha de tatames, que permitia uma corrida de aproximação, e um colchão de queda serviu para a vivência de saltos básicos.

Na tematização da GR as vivências restringiram-se às possibilidades de movimentos com os aparelhos da modalidade que a escola já possuía na época da prática pedagógica: arcos, cordas e bolas. Um fato interessante que ocorreu no estudo da GR foi que, durante as aulas, sempre iniciávamos exibindo um vídeo de apresentação com o aparelho que seria vivenciado na aula. Alguns estudantes começaram a reparar e questionar por que apenas mulheres apareciam nos vídeos. Isso nos levou à preparação de uma aula em que aprofundamos a questão de gênero nessa modalidade. Descobrimos que a GR é a única modalidade olímpica que possui competição apenas para um gênero e, nesse caso, o gênero desfavorecido é o masculino. Descobrimos também que a Federação Internacional de Ginástica (FIG) até tentou mudar essa realidade, mas em consulta às suas entidades de base, a GR masculina não foi reconhecida. Isso reforçou o preconceito existente com homens que desejam praticar GR. Exibimos uma reportagem⁵ de um garoto de São Paulo que desde criança sempre teve o sonho de praticar GR, entretanto, nenhuma escola o aceitava, justamente pela modalidade, em nível de competição, ser restrita ao gênero feminino. Esse garoto resolveu estudar EDF, posteriormente, abrir sua própria escola de GR, abrindo espaço para a prática da modalidade para o gênero masculino. Exibimos também um outro vídeo que mostrava competições de GR masculina no Japão, país cuja federação foi na contramão da decisão da FIG e resolveu criar uma competição nacional da modalidade para homens. Após a exposição desse contexto relacionado à GR, propusemos às equipes de cada turma que elaborassem um pequeno texto declarando o que achavam dessa situação e se concordavam ou não com a existência de competições de GR masculina.

Na tematização do PK, surgiram outros desafios, uma vez que essa manifestação corporal possui como característica a apropriação dos espaços de maneira incomum. A diretora da escola bem como os outros professores questionaram a segurança dos estudantes, quando perceberam que os mesmos estavam pulando bancos de concreto,

5 <https://www.youtube.com/watch?v=5zG0IDxqlM>

saltando escadas, equilibrando-se em pequenos degraus, subindo em corrimãos e pendurando-se em muros. O caso veio à tona quando os inspetores da escola perceberam que as crianças estavam praticando PK na hora do recreio. Respondemos a esses questionamentos informando que, antes de iniciarmos as vivências, trabalhamos com as crianças noções de segurança, técnicas de quedas e prevenção de lesões usadas pelos praticantes da modalidade. Isso tranquilizou a equipe da escola, no entanto, os estudantes foram orientados a praticarem somente durante as aulas de EDF, alegando que os inspetores não estavam aptos para orientar e atender os estudantes com essa demanda específica durante o recreio. Outro desafio foi o próprio conhecimento dos movimentos e técnicas por parte do professor, uma vez que essa modalidade não era popular na época da graduação. A solução encontrada foi aprender os movimentos a partir de vídeos tutoriais produzidos por praticantes e extraídos do Youtube para exibição e análise durante as aulas. Tal fato relativiza a figura do docente como detentor absoluto do conhecimento e mostra que existem alternativas para ensinar coisas que não pertencem ao domínio do professor, mas que pertencem ao universo cultural dos discentes.

Em seguida, buscou-se ampliar o conhecimento dos estudantes através do estudo e vivência de ginásticas desconhecidas ou pouco conhecidas entre eles: G. Acrobática, Yoga e Liam Gong⁶. Essas manifestações corporais, dentre todas as estudadas nessa prática pedagógica, são, ao lado do PK, temas de estudo que não constam no currículo oficial do município. A exploração dessas ginásticas seguiu a mesma estrutura utilizada na etapa de tematização das ginásticas conhecidas pelos estudantes.

Na G.Acrobática as crianças vivenciaram a formação de figuras em duplas, trios, quartetos e equipes com mais de quatro integrantes. No Yoga conheceram um pouco sobre a cultura indiana através do compartilhamento de fotos e histórias de uma viagem do professor para lá bem como aprenderam as 8 partes do *ashtanga sadhaná* (uma das formas de se praticar a modalidade). No Liam Gong⁷ tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar os movimentos de uma ginástica diferente das demais, por tratar-se de uma ginástica com fins terapêuticos.

A etapa seguinte foi a escolha de uma ginástica, dentre as seis estudadas até esse momento, para os estudantes aprofundarem⁸ o conhecimento. A escolha foi feita através

6 Ampliação do conhecimento, observando os princípios da justiça curricular (promoção de manifestações corporais não-hegemônicas) e a descolonização do currículo (estudo de manifestações corporais de grupos historicamente ausentes do cenário escolar).

7 <https://www.youtube.com/watch?v=FgQkYSAmJ6o>

8 Aprofundamento (votação dos estudantes para escolha de uma das ginásticas estudadas para saber mais

de votação individual, secreta e em dois turnos, nos moldes como é feita a eleição para cargos executivos e legislativos no país. Surpreendentemente, todas as turmas escolheram aprofundar o conhecimento no mesmo tema: PK. Buscando tensionar questões de poder presentes no tema, desvelar discursos hegemônicos e colocar em pauta a discussão dos marcadores sociais, planejamos duas aulas.

Na primeira aula, a proposta era reconhecer os valores do Parkour através da leitura, análise e interpretação de um discurso de seu criador, David Belle, sobre a modalidade. Foi selecionado e exibido um vídeo⁹, extraído do Youtube, em que o francês dá um depoimento sobre a origem, os desafios e os valores que marcam essa manifestação corporal. Os estudantes, reunidos em equipes de trabalho, deveriam reconhecer nove valores que era possível reconhecer no discurso do criador do Parkour. O vídeo era legendado, então as crianças de quarto e quinto ano tiveram dificuldades para acompanhar a velocidade com que as informações eram transmitidas. Em geral, as equipes conseguiram reconhecer de 1 a 5 valores, dentre os nove citados. Em seguida, o vídeo era exibido novamente e pausado a cada frase, momento no qual o professor suscitava interpretações e buscava desvelar o discurso que estava sendo posto, apontando os nove valores que julgava, na sua interpretação, conter no discurso. Tal atividade possuía o sentido de aprimorar a leitura, análise e interpretação de discursos em geral, usando esse como exemplo de um possível processo para tanto.

Na segunda aula, a proposta era reconhecer os marcadores sociais dos praticantes de PK que aparecem num vídeo¹⁰ exibido numa das aulas de PK. Na lousa eram anotadas várias categorias de marcadores sociais: geração, raça/etnia, classe social, gênero, local da prática e religião. O vídeo era constituído de vários praticantes de PK fazendo movimentos com uma música eletrônica contagiante. A cada movimento o vídeo era parado e os estudantes eram convidados a reconhecer quais eram os marcadores sociais que estavam presentes e como era possível classifica-lo. Ao final desse processo, reconhecemos que os praticantes de PK daquele vídeo eram, em sua maioria homens, jovens, brancos e negros, de classe social e religião não identificável (apenas presumível), e que praticavam na cidade. Essa atividade possuía o sentido de aperfeiçoar a leitura de mundo dos estudantes, ajudando-os a reconhecer as diferenças e forjar suas próprias identidades, na medida em que aprendem a se diferenciar dos demais, tanto pelos

sobre o tema).

9 https://www.youtube.com/watch?v=myuX_qQATa8

10 <https://www.youtube.com/watch?v=RYoQn2x3bc0&t=130s>

significados que se auto atribuem e cultivam em sua vida, como pelos hábitos, costumes, valores e atitudes que costumam ter.

A avaliação se deu através da “auto-avaliação”. Nessa perspectiva, entende-se que os próprios estudantes, a partir do reconhecimento e reflexão sobre as etapas pedagógicas vivenciadas ao longo das aulas, são capazes de afirmar o que aprenderam. Trata-se de reconhecer o estudante como protagonista de sua avaliação, levando-o a refletir sobre o impacto do conhecimento acessado nas aulas de EDF sobre a formação de sua própria identidade.

A avaliação foi precedida por uma exposição da trajetória de estudo na lousa: os procedimentos pedagógicos escolhidos para estudar as ginásticas, as manifestações corporais estudadas e as atividades de ensino propostas. Em seguida, foi proposta uma atividade com quatro frases que deveriam ser completadas pelos estudantes, de modo a disparar reflexões que se julgou pertinentes para avaliar esse processo pedagógico.

A primeira frase era “Para mim Ginástica é...”. O objetivo dessa questão era avaliar se houve ressignificação¹¹ do tema por parte dos estudantes, comparando as respostas obtidas nesse momento com as respostas obtidas na etapa do mapeamento inicial dos conhecimentos. A segunda frase era “A Ginástica mais significativa para mim foi... Porque...”. O objetivo dessa questão era mapear quais foram as manifestações corporais tematizadas durante as aulas que mais os estudantes se identificarem, bem como uma tentativa de reconhecer motivos que os levaram a tal processo de identificação. A terceira frase era “Durante essa trajetória de estudo eu aprendi...”, cujo objetivo era descobrir indícios do impacto das aulas no conhecimento e visão de mundo dos estudantes. Finalmente, a quarta frase era “Minhas atividades de ensino preferidas foram...”, cujo objetivo era elencar quais atividades de ensino mais agradaram os estudantes (eles podiam citar mais de uma), tanto para orientar futuras aulas como para legitimar o uso de diferentes linguagens e recursos pedagógicos nas aulas de EDF, recursos para “além da prática” tradicional do componente.

Comparando as representações dos estudantes sobre ginástica antes e após a prática pedagógica, pode-se constatar que pouco mais da metade das crianças ressignificou o tema, caminhando para entendimentos diferentes daqueles coletados no mapeamento. Mesmo considerando que no mapeamento a coleta de respostas foi menor, devido aos questionários terem sido respondidos em equipes e na avaliação as respostas

11 Ressignificação (comparação das impressões iniciais e finais dos estudantes sobre ginástica).

eram individuais, na avaliação as crianças relataram que ginástica é “uma coisa importante, interessante; que melhora a saúde, tira a dor, que ajuda a experimentar coisas novas, acrobacias; que desenvolve habilidade, agilidade, concentração, coordenação motora, criatividade, coragem, talento e foco; traz positividade, paz interior; é incrível, animadora, divertida; pode ser suave, perigosa ou difícil; tem diferentes níveis de dificuldade”. Como se vê, a variedade de respostas aumentou muito, mas o destaque fica por conta da contemplação de diferentes facetas e características das múltiplas formas de ginástica.

Os estudantes relataram que aprenderam: “movimentos corporais, valores, história, origens das diferentes ginásticas; fazer trabalhos de pesquisa; escrever melhor; reconhecer diferenças; reconhecer problemática de gênero, raça; ajudar e respeitar o próximo; não desistir e ter cautela na medida certa; que meditar traz paz, harmonia e exige foco, concentração”; entre diversos outros aprendizados relatados.

As atividades de ensino preferidas foram: 46 estudantes citaram as aulas práticas; 44 vídeos; 37 pesquisas; 10 produção de textos em equipe sobre os temas debatidos em aula; 8 estudo dos marcadores sociais dos praticantes de PK; 6 debates; 2 avaliação. Apesar de ser válido o trabalho com diferentes formas de abordar os temas em estudo durante as aulas, ainda assim as crianças parecem preferir atividades que, supostamente, se comunicam melhor com eles: vivências de práticas corporais, vídeos extraídos da internet e pesquisas de origem e história das ginásticas.

Essa prática pedagógica auxiliou os estudantes a se situarem melhor em relação ao tema, contribuindo para a ampliação da visão da complexidade com que as ginásticas se inter-relacionam com temas diversos, aprendendo a desvelar discursos, identificar seus valores e reconhecer diferentes texturas sociais. A seleção dos temas de estudo a partir da cultura corporal dos estudantes valorizou essa cultura no currículo. No entanto, essa cultura era das Ginásticas competitivas (GA e GR), conteúdo hegemônico no currículo. Contra hegemônico, nesse caso, foi o PK. A escolha democrática dos temas de estudo colocou em discussão questões de cidadania e política durante as aulas.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. Conferência de abertura da 26ª. Reunião Anual da ANPEd. Poços de Caldas, MG, 05 de outubro de 2003.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escola e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 156-168, mai.-ago. 2003.

NEIRA, M. G. *O currículo cultural da educação física em ação: a perspectiva dos seus autores*. 332 f. Tese (Livre docência) – Metodologia do ensino de Educação Física, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2011.

NEIRA, M. G.; LIPPI, B. G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, mai-ago, 2012.

NEIRA, M. G., NUNES, M. L. F. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte, 2009.